Brasil assina 'pacote' de US\$ 28,3 bilhões

REGIS NESTROVSKI

NOVA YORK — O Presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, e o chefe do Comitê de Assessoramento da Dívida Externa Brasileira, William Rhodes, anunciaram ontem, oficialmente, o fechamento do empréstimo-jumbo de US\$ 6,5 bilhões que o País vinha negociando com os bancos internacionais.

O pacote de refinanciamento da dívida de 83 e 84, num valor total de US\$ 28,3 bilhões — do qual o jumbo faz parte — será assinado hoje, às 9h30m, no Hotel Pierre, por Pastore e pelos Ministros da Fazenda, Ernane Galvêas, e do Planejamento, Delfim Netto. Em nome dos credores, assinarão Rhodes (do Citibank), Guy Huntrods e Leighton Coleman — todos do Comitê de Assessoramento. O processo de assinatura — que envolve 670 bancos — deve demorar de dois a três dias. O jumbo brasileiro é o maior empréstimo bancário da História.

Segundo a nota oficial divulgada ontem, todos os quatro projetos da Fase 2 da renegociação alcançaram os "níveis requeridos". Além do jumbo, foram obtidos US\$ 10,3 bilhões em linhas de crédito comercial, US\$ 6 bilhões em crédito interbancário e aprovada a "rolagem" da dívida de 84, que é de US\$ 5,5 bilhões.

O Ministro Delfim Netto elogiou, em entrevista ao GLOBO, os resultados e o desenrolar das negociações brasileiras:

— É a melhor alternativa. Qualquer outra opção custaria mais e levaria mais tempo. O Brasil está encontrando o seu caminho em todas as áreas. Na área do petróleo, estamos produzindo 500 mil barris por dia no fim do ano. Aumentaram as produções de álcool e de carvão. Falta, isto sim, uma taxa de juros decente. Isto é, que caia um pouco. E não vi um ambiente favorável a isto aqui.

As previsões de Delfim para a economia do País este ano são otimistas:

— O impacto da Fase 2 será uma moralização nas nossas contas correntes externas. Todos os projetos foram estabilizados — tanto o ponto três (créditos comerciais), como o ponto quatro (crédito interbancário). O Brasil vai voltar a crescer a taxas baixas e o setor privado aumentará suas importações em 15 por cento este ano.

O Ministro não quis, entretanto, prever qual será a taxa de inflação este ano e considerou mera questão de "acidentalidade" o expurgo de produtos como a laranja do cálculo deste índice.

Indagado se a oposição brasileira tinha sugerido algum projeto alternativo para o problema da dívida externa e da crise econômica, Delfim comentou:

— Não, infelizmente. As propostas foram superficiais, de quem não tem responsabilidade de administrar. É uma posição negativista. Não foi o Brasil que causou os problemas externos. O jumbo é uma convergência de pensamentos.

O Ministro não quis falar sobre os juros de quase US\$ 60 bilhões que o País pagará, nos próximos cinco anos, enquanto o principal da dívida continuará em torno de US\$ 95 bilhões.

— Em cima do total da dívida estão os juros. Não foi negociada uma maior amortização da dívida. Teremos mais recursos para nos desenvolver. No entanto, não cresceremos como no passado. As taxas serão mais baixas. Nosso esforço atualmente é para reduzir o déficit em conta corrente de US\$ 14 bilhões para US\$ 7 bilhões.

Delfim se recusou, ainda, a comentar o impacto social das medidas de contenção econômica, nos próximos meses.